

Hospitalidade e Religião: um olhar contemporâneo

Hospitality and Religion: a contemporary gaze

Hospitalidad y Religión: una mirada contemporânea

Manoela Carrillo Valduga¹

Romário Loffredo De Oliveira²

Lydia Vilela Mattos³

Resumo: Este trabalho é resultado de uma atividade realizada junto aos discentes da disciplina de Hospitalidade de uma Instituição de Ensino Superior pública, localizada na Região Sudeste do Brasil. Com o objetivo de promover a reflexão sobre os impactos da hospitalidade presentes nas diversas religiões na sociedade contemporânea, solicitou-se aos alunos que questionassem amigos ou familiares que fossem fiéis ou adeptos de alguma religião, quais seriam os rituais ou normas de hospitalidade praticados nas suas respectivas religiões. Como resultado, obteve-se 105 postagens compartilhadas analisadas, de forma qualitativa, valendo-se da análise de conteúdo, com cada uma das onze religiões identificadas, além de treze respostas onde não foi possível perceber a religião. As categorias emergentes identificadas no estudo foram recepção, acolhimento, caridade, rito, comensalidade e hospedagem, termos identificados nos estudos que se referem aos valores originais da hospitalidade relativos à sacralidade do hóspede, à caridade como prática redentora dos pecados, à obrigação moral de alimentar o forasteiro, além da oferta de abrigo e descanso e do bem-receber. Cumpriu-se, assim, com o objetivo de identificar e analisar as categorias da hospitalidade presentes nas práticas religiosas relacionando o resultado empírico com os estudos teóricos sobre o tema.

Palavras-Chave: Hospitalidade, religião, sacralidade, rituais, categorias de análise.

Abstract: This research is the result of an activity carried out with the students of the Hospitality discipline of a Higher Education Institution, located in the Southeast Region of Brazil. In order to promote reflection on hospitality impacts present in the various religions in contemporary society, it was required the students to ask friends and family who were faithful or adherents of some religion, which would be the similar rituals or norms of hospitality in their churches relating religions. As a result, there were 105 posts to be analyzed. Data analysis was carried out qualitatively, using content analysis, with each of the eleven identified religions, in addition to responses where it was not possible to perceive it. The identified categories were identified as reception, welcoming, charity, rite, commensality, and accommodation, identified terms in the studies that refer to the original values of hospitality referring to the practice of the redemption of sins, the moral obligation of feeding the foreigner, in addition to the offer of shelter and rest and good welcoming. Thus, the objective of identifying and studying how hospitality categories present in religious practices relating to the empirical result with theoretical studies on the subject was fulfilled.

Key words: Hospitality, religion, sacredness, rituals, analysis categories.

Resumen: Este trabajo resulta de una actividad realizada con los estudiantes de la disciplina de Hospitalidad de una Institución de Enseñanza Superior pública, ubicada en la Región Sudeste de Brasil. Con el fin de promover la reflexión sobre los impactos de la hospitalidad presente en las diferentes religiones en la sociedad contemporánea, se solicitó a los estudiantes que preguntaran a amigos o familiares fieles o adherentes a alguna religión, cuáles serían los rituales o reglas de hospitalidad practicadas en sus respectivas religiones. Como resultado se obtuvieron 105 publicaciones compartidas y analizadas. El análisis de datos se realizó de forma cualitativa, mediante análisis de

¹ Universidade Federal Fluminense. Email: manoelavalduga@hotmail.com

² Universidade Federal Fluminense. Email: rloffredo@id.uff.br

³ Universidade Federal Fluminense. Email: lydiamattos@id.uff.br

contenido, con cada una de las once religiones identificadas, además de trece respuestas donde no era posible percibir la religión. Las categorías emergentes identificadas en el estudio fueron recepción, acogida, caridad, rito, comensalidad y acomodación, términos identificados en los estudios que hacen referencia a los valores originales de la hospitalidad relacionados con la sacralidad del huésped, la caridad como práctica redentora de los pecados, la obligación moral de dar de comer al extranjero, además del ofrecimiento de hospedaje y descanso y hospitalidad. Así, el objetivo fue identificar y analizar las categorías de hospitalidad presentes en las prácticas religiosas, relacionando el resultado empírico con los estudios teóricos sobre el tema.

Palabras clave: Hospitalidad, religión, santidad, rituales, categorías de análisis.

1 Introdução

O tema da hospitalidade toma relevo, no âmbito acadêmico do turismo no Brasil, no começo dos anos 2000 (CAMARGO, 2004; WADA; CAVENAGHI; SALLES et al., 2015). À luz da ética, Camargo (2004, p. 25) relembra aos leitores a aura de positividade e de nostalgia que o termo remete: "...[a] hospitalidade soa como algo que se perdeu. Serve às gerações mais antigas como um signo de decadência das novas...". Ou ainda, a falta de hospitalidade é tida como reflexo das mazelas da falta de vínculos entre as pessoas nas grandes cidades.

Para além da visão de senso comum do tema, tem-se duas principais abordagens da hospitalidade. A primeira delas é a chamada corrente francesa de estudos, enquanto a segunda é conhecida como corrente anglo-saxônica. Há ainda um grupo de estudiosos brasileiros que defendem uma terceira corrente, justamente a brasileira, mas que, por enquanto, não parece ecoar em outros países (BRUSADIN, 2022).

Compreender a hospitalidade em uma sociedade capitalista que valoriza as posses e o egocentrismo não é fácil, e talvez contribua para uma abordagem comercial da mesma. No entanto, para todo movimento social, há um contramovimento, e é na contramão dos valores individualistas que se acredita haver espaço para a discussão da hospitalidade como dádiva (VALDUGA; COSTA; BREDA *et al.* 2022).

Assim, surge a questão norteadora da pesquisa, que é: quais os valores da hospitalidade que são identificados contemporaneamente nas diversas religiões? Como o estudo não focou em uma religião específica, a hipótese inicial é de que as respostas seriam bastante variadas, consoante às diferenças dos credos, mas que manteriam aspectos cruciais presentes nos estudos sobre hospitalidade e religião, tais quais a sacralidade do hóspede, a divindade que há em toda e qualquer vida humana, a prática da caridade, a obrigação moral de alimentar o forasteiro -

também chamado de estrangeiro, o outro desconhecido - a oferta de abrigo e descanso e ainda o bem-receber.

O presente estudo, de natureza qualitativa, tem a proposta de identificar e analisar possíveis categorias de análise da hospitalidade em diferentes religiões nos dias atuais. Sem qualquer orientação teórica ou técnica sobre o tema, familiares e/ou amigos de estudantes de cursos de Turismo e de Hotelaria de uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada na região Sudeste do Brasil foram questionados sobre quais as práticas ou rituais de hospitalidade que existem em suas respectivas religiões. As livres respostas sobre o tema permitiram identificar o que as pessoas associam à hospitalidade no universo da religião.

No Brasil, encontraram-se pesquisas majoritariamente centradas em manifestações religiosas católico-cristãs, que apresentam a essencialidade do acolhimento em festividades e em santuários para os romeiros e peregrinos (DE JESUS, 2019; FRUGOLI; REJOWSKI, 2019; SCHVARSTZHaupt; HERÉDIA, 2021), além das relações de hospitalidade e sua influência no comportamento humano na atualidade (CAMARGO; BUENO, 2011; TOMILLO NOGUERO, 2013; SCHNEIDER; SANTOS, 2013; DE JESUS, 2019).

Para relatar o percurso da investigação realizada, o presente artigo está organizado nesta presente introdução, seguida pelo referencial teórico, que aborda estudos sobre os temas da religião e da hospitalidade em conjunto, apresentação do percurso metodológico do estudo e dos resultados com ele alcançados e, por fim, as considerações sobre a contribuição, possíveis limitações e propostas de prosseguimento da investigação relatada nesta pesquisa.

2 Referencial teórico

A hospitalidade está presente em diversos estudos de cunho religioso, assim como a religião também pode ser encontrada em estudos específicos sobre a hospitalidade. Podem ser observados estudos que incidem na identificação de valores e rituais de hospitalidade em diferentes religiões e na relação entre o desenvolvimento histórico de mosteiros e abadias. Segundo Tomillo Noguero (2013), a hospitalidade pode vir a fomentar o desenvolvimento local por meio de resultados tangíveis e intangíveis, como o bom engajamento da comunidade local. Esses resultados podem ser provenientes da espontaneidade ou de uma transação comercial, como típico do fenômeno turístico ou do meio hospitalar.

Tanto os meios de hospedagem quanto os hospitais teriam surgido da oferta de alojamento, alimentação e bebidas a pessoas sem abrigo, doentes, peregrinos ou qualquer ser humano que necessitasse da hospitalidade e, por caridade e intenção de expansão do cristianismo, foram acolhidos.

Historicamente, reconhece-se a relevância do cristianismo em tais práticas de acolhimento, materialmente representado pelas chamadas 'Ordens', de cunho militar e religioso, como a Ordem dos Cavaleiros Hospitalares, também chamada de Ordem dos Cavaleiros de Malta e outras ordens, como a Ordem do Espírito Santo ou a Ordem de Jesus, por exemplo (BUTTIGIEG, 2012; O'MALLEY, 2010; TURNER, 2006).

Acredita-se que tais ordens tiveram origem nas Cruzadas, quando os cavaleiros percorreram a Europa Ocidental em direção à Terra Santa, incluindo Jerusalém, na tentativa de ocupar o território e cristianizar a população. Os seus registros, datados do século XI, referem-se sobretudo à construção do Hospital de São João, em Jerusalém, com referências a Malta, por ser a ponta mais ao sul da Europa católica, e a Rodes, ilha estrategicamente posicionada entre os continentes europeu, asiático e africano, que pertenceu a Malta. Tais ordens estabeleceram uma rede de conventos, principalmente na Europa Ocidental, cujas estruturas de vários deles seguem erigidas no Século XXI.

Observam-se, na literatura, estudos que privilegiam as motivações militares e religiosas de dominação territorial e estudos que focam na caridade, ou piedade cristã de tais instituições (BUTTIGIEG, 2012; O'MALLEY, 2010; TURNER, 2006). No 'Livro da Hospitalidade', Lazard (2011) apresenta a Ordem do Espírito Santo como precursora da ciência médica, ilustrando a organização destas instalações religiosas, denominadas *Ospedale*, na Itália.

Estudos mais apurados indicam que a origem da Ordem de São João data por volta de 1070, quando da fundação de um hospital para peregrinos dirigido pela comunidade de Santa Maria dos Latinos, que foi estabelecida em Jerusalém (SPORZYŃSKI, 2005). Gerardo Francez é comumente considerado o primeiro líder, fundador e responsável pelo crescimento do Hospital de São João (CATHARINA, 1734; SPORZYŃSKI, 2005).

Tanto na ordem citada quanto nas posteriores, os seus membros serviam aos pobres e aos doentes não apenas para garantir a sua própria salvação pela prática da caridade, mas também

porque visavam o benefício da pessoa cuidada. Tal argumento é explicitado na afirmação de que “para eles, a pessoa cuidada representava a pessoa de Cristo” (SPORZYŃSKI, 2005, p. 2).

A ideia de que Cristo, ou Deus, está presente em cada pessoa é a questão central da hospitalidade de acordo com a cultura judaico-cristã. Cada cristão deve acolher o próximo porque, crente que cada ser é criado à imagem e semelhança de Deus, está acolhendo Cristo. Ao analisar a função religiosa do acolhimento doméstico, Griffiths (2011, p. 464) refere que “a hospitalidade repousa assim num duplo pacto de reciprocidade: aquele que une o hóspede e o anfitrião entre si, aquele que une o anfitrião aos deuses aos quais serve”.

Pode-se acrescentar ainda a reflexão de Tomillo Noguero (2019) sobre um outro papel da hospitalidade, sendo ele o de formação de povos e comunidades, bem como determinadas características dessas formações sociais como vocabulário, costumes, entre outros vínculos que teriam sido criados por um Deus, não importando qual religião. Para o autor, a própria terra, que também seria um presente divino, serve como um dos fatores de formação social, tendo em vista a necessidade de compartilhá-la e cuidá-la apropriadamente, tema também proclamado por Boff (2005).

Em Portugal, há registro do acolhimento praticado pela Ordem dos Cavaleiros Hospitalares na área da saúde. A Ordem Hospitaleira de São João de Deus – Província Portuguesa, lançou, em 1936, uma revista chamada Hospitalidade.

João de Deus é considerado o santo patrono da Ordem Hospitalar em Portugal, que, ao longo dos anos, manteve diversas casas de saúde e hospitais no país. Sporyński (2005) explica que inicialmente o valor cristão de cuidado ao peregrino que visitava a Terra Santa prevaleceu, conferindo status de ordem religiosa à Ordem de São João, reconhecida pelo Papa Pascoal II, em 1113. Com os constantes ataques contra os peregrinos, a Ordem de São João militarizou-se, originando críticas e advertências por parte da Igreja Católica, proferidas pelo próprio Papa Alexandre III, “que em 1178 lembrou ao Hospital a sua proposta pacífica” (SPORZYŃSKI, 2005, p. 4).

A necessidade de proteção contra a violência infligida aos peregrinos gerou certa especialização entre os religiosos para facilitar a dupla função de cuidados hospitalares e de soldados armados. Assim, novas estruturas foram instituídas e, rapidamente, os cavaleiros militares passaram a dominar as demais (SPORZYŃSKI, 2005). Buttigieg (2012) e O’Malley

(2010) ilustram como as doações feitas pelos nobres cristãos e repassadas à administração central das ordens as enriquecia, mantendo-as com poder militar.

Sporzyński (2005) refere que a Ordem de São João cresceu e adquiriu ainda mais prestígio, dando origem a outras ordens, recebendo novos membros, religiosos e não-religiosos, de origem nobre, passando a ser uma opção de carreira de grande importância: “O aprendizado militar em Rodes e mais tarde em Malta foi altamente avaliado por aqueles que procuravam entrar na profissão de cavaleiros” (SPORZYŃSKI, 2005, p. 6).

Utiliza-se a literatura medieval, onde “o personagem do cavaleiro errante acaba por se tornar emblemático de uma época” (ROUSSEL, 2011, p. 379), para ilustrar a importância do abrigo aos cavaleiros, citando, por exemplo, trechos das obras *Tristão e Isolda* e *Conto do Graal*. O estudo de Roussel (2011) apresenta outro espaço para a prática da hospitalidade na Idade Média, as residências aristocráticas, como pode ser confirmado a seguir: “o local mais frequente de parada e de hospitalidade, durante a caminhada, é a residência aristocrata” (ROUSSEL, 2011, p. 381). Pode-se inferir que as práticas oriundas das Ordens, desde que passaram a ser reconhecidas como nobres pela sociedade, tornam-se também valores, ou mesmo obrigação, dos membros da alta sociedade. Assim, enquanto na literatura medieval os mosteiros ou as instituições de caridade acolhem os pobres e os peregrinos, os cavaleiros são hospedados pelos vassallos (ROUSSEL, 2011).

Roussel (2011) refere-se, além dos alojamentos supracitados aos pobres, doentes e cavaleiros, ao alojamento burguês, em clara referência às hospedarias da época, abertas a qualquer pagante, tratando-a por ‘hospitalidade burguesa’, banal e mais frequente. Nos rituais identificados na prática da hospitalidade pela aristocracia, encontram-se o acolhimento cortês, representada pelo ato do hospedeiro se dirigir ao hóspede e o auxiliar com os seus equipamentos, a oferta de alimentos e bebidas, de higienização, roupas, abrigo, alimento e descanso também para o cavalo, e, por fim, a oferta e a imediata recusa de pagamento devido ao alojamento.

Ainda que a manutenção da rede aristocrática de proteção esteja presente, o valor religioso da satisfação, ou mesmo sorte, de ser a casa escolhida pelo estrangeiro, dotado de divindade, para ‘testar a hospitalidade’ do anfitrião, é comumente referenciado no estudo de Roussel (2011). Um dos exemplos ilustrados é a amabilidade e cortesia presentes na refeição

para só depois haver a conversa sobre a identidade do hóspede. O trecho a seguir afirma a sacralidade da hospitalidade medieval:

Fundamentalmente, e em primeiro lugar, é Deus que é reverenciado por meio do viajante. Dessa maneira, a hospitalidade constitui o primeiro dos deveres religiosos. A hospitalidade greco-latina conhece múltiplas manifestações da *theoxenia*, ou visita de um deus que, sob o manto do anonimato, põe à prova a piedade dos mortais. (ROUSSEL, 2011, p. 390).

O episódio mítico narrado no oitavo livro das 'Metamorfoses', de Ovídio, conta a história de dois deuses, Júpiter e Mercúrio, na narrativa mítica romana (ou Zeus e Hermes, na narrativa mítica grega)⁴ que, se fazem passar por andarilhos e são acolhidos por um casal de desprovidos, os anciões Báucis e Filêmon (BOFF, 2005; GRIFFITHS, 2011). O mito inicia com a intenção dos deuses em passarem-se por pobres no reino dos mortais “para ver a como ia a criação que haviam posto em marcha” (BOFF, 2005, p. 78). Inicialmente, foram hostilizados, privados de abrigo e alimentação, desconsiderados como ‘seres-humanos’, sem nem sequer serem olhados nos olhos. Na sua tradução livre do texto de Ovídio, Boff (2005, p. 79) refere que, “Depois de muito peregrinar e sentirem-se alijados por todos, o que mais desejavam era água fresca para beber, um prato de comida quente, aliviar os pés com água morna e uma cama para repousar os corpos. Sonhavam com a hospitalidade mínima!”.

Quando os deuses pensaram em desistir da sua missão em Frígia, província carente do império romano, avistaram uma cabana muito humilde, onde foram recebidos pelo simples casal de velhinhos, “é numa choupana privada de qualquer serviço doméstico que se produz paradoxalmente, mas significativamente a epifania da piedade” (GRIFFITHS, 2011, p. 464). Nessa humilde morada Filêmon acolhe os forasteiros, oferecendo-lhes descanso, água fresca e reanima o fogo da noite anterior para aquecer os hóspedes. Em seguida, na narrativa: “Báucis, com seu avental remendado começou a lavar os pés de Júpiter e de Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para que se aliviassem de verdade” (BOFF, 2005, p. 80).

Após o acolhimento, o casal preparou tudo o que dispunham para alimentar os imortais, embora nem desconfiasse que fossem divindades, desculpando-se pela simplicidade e pobreza da cozinha e, após o convívio, ofereceram a própria cama aos hóspedes.

⁴ O escritor Leonardo Boff traduz a obra de Ovídio do latim e usa os nomes Júpiter e Hermes para contar e analisar o mito (ver BOFF, 2005).

Ilustrados os ritos da hospitalidade, o mito prossegue com a narrativa de uma grande tempestade, que faz com que Báucis e Filêmon saiam para acudir aos vizinhos. Repentinamente a tempestade cessa, os deuses revelam as suas verdadeiras identidades, transformam a simples cabana num templo e concedem ao casal, como forma de agradecimento, um pedido. O primeiro desejo foi o de servir aos deuses naquele templo até o fim das suas vidas e o segundo desejo foi o de morrerem juntos. Quando ocorreu o cumprimento do segundo desejo, ambos se transformaram em árvores frondosas que se entrelaçavam nas suas copas “e assim abraçados ficaram unidos para sempre” (BOFF, 2005, p. 84).

De acordo com Roques (2011, p. 179), “os mitos, ao interrogar os quadros e os limites da hospitalidade, permitem expor o que neles está em jogo”. Observa-se na narrativa do mito de Báucis e Filêmon a incondicionalidade da hospitalidade, a abertura ao outro desconhecido, estrangeiro, recebido no momento em que a porta da simples cabana é aberta para que entrem na casa de quem acolhe os desconhecidos, oferecendo-lhes calor e descanso, alimentando-os, oferecendo a própria cama para o repouso e, por fim, há a partida.

Boff (2005) destaca a relevância do olhar no processo de acolhimento na hospitalidade, enfatizando a sua reelaboração do mito pelo fato de os deuses, sob aspecto humano, se sentirem entristecidos por não serem sequer olhados. Para o autor, “ninguém resiste ao olhar suplicante sem ser afetado em sua humanidade” (BOFF, 2005, p. 94).

A trama do mito não difere do ritual dos mosteiros pertencentes às Ordens que recebiam os peregrinos, os doentes ou os andarilhos, tampouco está longe dos rituais praticados pelos nobres que recebiam os cavaleiros. Ao descrever as práticas destes últimos, como anteriormente descrito, Roussel (2011) emprega os termos acolhimento, refeição, repouso e partida como parte do ritual da hospitalidade.

O mito de Báucis e Filêmon retrata a virtude da hospitalidade em si, no entanto existem mais referências à hospitalidade na mitologia: “A qualidade hospedeira do deus – pois Júpiter não é o único deus hospitaleiro, qualquer outro, num santuário, garante a proteção do hóspede – assegura o direito de asilo” (ROQUES, 2011, p. 720).

Da própria obrigação de acolher o estrangeiro que bate à porta como a divindade em si ou como um enviado, surge, por exemplo, o mito do Anfitrião, que, embora denomine o mito, não é o próprio a receber, mas sim a sua esposa, Alcmena. De uma forma sintetizada, a partir do

que Ledoux (2011) apresenta na sua análise de diversos autores que narram a história, Júpiter toma a forma de Anfitrião para ser acolhido por Alcmena, gerando, naquela noite, o semideus Hércules:

Para seduzir a fiel Alcmena, Júpiter se rebaixa a assumir os traços do marido dela, Anfitrião, rei de Tebas. Aproveitando a ausência deste, que partiu para a guerra, Júpiter chega, pois, ao palácio, precedido de outro deus, Mercúrio, que, por seu turno, assumiu os traços de Sósia. (LEDOUX, 2011, p. 740).

Com o regresso dos verdadeiros Anfitrião e Sósia a casa, iniciam-se as tramas e a desconfiança de Anfitrião sobre a fidelidade da esposa. Ocorre que “Júpiter ocupa **seu** lugar, hóspede do hospedeiro e hospedeiro dos outros que se outorga o direito de escolher e de filtrar seus hóspedes, é assim que ele expulsa seu hospedeiro e o lacaio dele [...]” (LEDOUX, 2011, p. 738 – grifo do autor).

Para além dos relatos míticos envolvendo a hospitalidade, as narrativas bíblicas são comumente relacionadas com o tema. Atribui-se a Gênesis, entre os trechos 18:1-8 e 19:1-3, a primeira parábola relativa à hospitalidade, onde Abraão recebe três desconhecidos, os convida para entrar, os acomoda à sombra de árvores do seu quintal e lava os pés dos estranhos (GROTTOLA, 1998). Há referências aos Três Reis Magos no Novo Testamento, por São Mateus (GROTTOLA, 1998; PÉROL, 2011) e a Marta, que acolheu Jesus em sua casa, em São Lucas e São João (DAULNY, 2011; PÉROL, 2011). Num trecho bíblico, atribuído a São Mateus, encontram-se as seguintes afirmações que explicitam a relevância dada à oferta de alimento, bebida e acolhimento ao estranho: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolheste” (Mt, 25:35, A Bíblia de Jerusalém).

No seu texto denominado ‘Bíblia’, Thoby (2011) passeia por todo o Livro Sagrado da Igreja Católica elegendo trechos que dialogam sobre o estrangeiro, o imigrante, a peregrinação (ou o peregrino), a oferta ou o pedido de abrigo, a fundação da primeira cidade por Caim, referências às cidades de Sodoma e Gomorra, o acolhimento dos levitas, a troca de presentes enquanto rito, os banquetes, entre outros, ao longo das narrativas.

Assim como indicado por Roussel (2011, p. 383) a partir de conteúdos de textos literários, sobre o acolhimento aos cavaleiros, “a acolhida cortês do viajante multiplica os gestos de amabilidade: o hospedeiro vem ao encontro do seu convidado, segura o seu estribo para ajudá-lo a descer do cavalo [...]”. Analisa-se que, na narrativa bíblica, no Êxodo, quando Jetro visita

Moisés: “Ir ao encontro, antecipar-se a um viajante, é uma mostra notável de estima” (THOBY, 2011, p. 121).

Destaca-se que o ensaio de Thoby (2011) corrobora a ideia da sacralidade da hospitalidade, onde o outro, o estrangeiro, deve ser acolhido; apresenta ritos e regras de hospitalidade; apresenta-a como meio de coação, demonstrando ser eventualmente interessada, e também ilustra a violação das regras da hospitalidade, referindo exclusivamente exemplificações bíblicas.

Bornet (2011) faz um exercício semelhante sob a luz da literatura rabínica, na perspectiva do judaísmo, analisando algumas vezes os mesmos textos da Bíblia analisados por Thoby (2011), mas na concepção hebraica da mesma.

A hospitalidade é considerada uma mitzvá, ou seja, um dever religioso, e também uma demonstração de caridade. Na perspectiva do dever religioso, observa-se que, mesmo num dia de Sabat, os judeus podem trabalhar para preparar um lugar para o hóspede caso seja necessário: “Se a hospitalidade pode legitimar uma violação da lei do Sabat, é porque sua prática constitui precisamente uma mitzvá” (BORNET, 2011, p. 134). Como demonstração de caridade, a hospitalidade é tradicionalmente praticada como *tsedaqah* ou como *gemilut hasadim*, isto é, como esmola aos pobres ou como algum benefício em forma de ação que se realiza através de um serviço pessoal, mesmo que também envolva dinheiro (BORNET, 2011).

Bornet (2011) sugere que, para o judaísmo, a hospitalidade é de caráter pessoal e, de certa forma, condicional, pois não há referência nos textos judaicos pesquisados pelo autor, especialmente o Talmude, que é uma coletânea de livros sagrados dos judeus, sobre acolhimento aos não-judeus pelos judeus. Os preceitos rabínicos referem-se de forma geral à hospitalidade como exercício da caridade, dever religioso e obrigação de acolher estudantes judeus, sem detalhar uma possível normatização da hospitalidade. No entanto, o autor identifica formas de acolhimento amável, como a demonstração de boa disposição, o evitar comer em frente ao convidado e o fato de o hospedeiro trabalhar para preparar a refeição do seu convidado.

A oferta de alimento como caridade é retratada na seguinte passagem, proveniente do Livro Sagrado judaico: “Aquele que se encontra na pobreza, que entre e coma” (BORNET, 2011, p. 138), em alusão à porta que deve estar aberta ao estrangeiro durante as refeições no período do Pessach, celebração alusiva à libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. Indica-se

ainda que um hóspede não deve levar outro hóspede na sua companhia para a casa do hospedeiro, além de que a hospitalidade oferecida pode ser aceita ou negada (BORNET, 2011).

De acordo com os escritos do Gênesis, o estrangeiro deve ter a proteção do hospedeiro enquanto estiver na propriedade deste, “de maneira que o hospedeiro é responsável pelo conjunto de atos praticados contra a pessoa que ele acolhe” (BORNET, 2011, p. 139).

Assim como as ordens de cunho militar e católico, como anteriormente apresentado, que erigiram instalações (ou recorreram-se das já existentes, como os mosteiros, por exemplo) para acolhimento dos necessitados (e compulsória cristianização), de acordo com Bornet (2011), no judaísmo, a partir do século III, havia acolhimento para os judeus que estivessem de passagem. Desde o período indicado, “encontram-se com frequência, inseridos na sinagoga, quartos de hóspedes adjacentes à construção principal e destinados a acolher os judeus de passagem” (BORNET, 2011, p. 141).

Presume-se que a diáspora, ou melhor, as diásporas⁵, geraram uma prática de acolhimento histórico entre judeus, mantida até a atualidade, como pode ser evidenciado em sítios eletrônicos onde se formam comunidades virtuais para colocar famílias judias e viajantes em contato para a prática do alojamento (BORNET, 2011).

Além da análise da hospitalidade nas religiões judaico-cristãs, Cinotti (2011) identifica valores da hospitalidade no hinduísmo, como uma virtude; no budismo, como, em alguns casos, uma obrigação; e no islamismo, como socorro ao viajante e redistribuição de riqueza. Lashley (2017) usa exemplos de sociedades coletoras e caçadoras e de povos tribais para ilustrar a troca ou oferta de alimentos, seja em banquetes e rituais ou para alimentar os necessitados, como aspectos da religião na hospitalidade.

No “Livro da Hospitalidade”, Lazard (2011), como já mencionado, apresenta a que seria a precursora da ciência médica: a Ordem do Espírito Santo. Citando Seydoux, Cinotti (2011) considera os hospícios, com o sentido de hospital – o *l’Hôtel-Dieu*, ou “a casa de Deus”, em francês designa hospitais e hospedarias de mosteiros –, como os primeiros templos da hospitalidade.

⁵ Termo referente à dispersão do povo judeu ao longo dos anos, desde o período conhecido como anterior a Cristo, quando os judeus foram levados à Babilônia em cativeiro, até o século XX, com a dispersão e genocídio dos judeus na Europa, sem ignorar a continuação da perseguição da comunidade judaica no século XXI (MESSADIÉ, 2003).

Na literatura brasileira, o processo histórico das ordens militares e religiosas é comumente relacionado ao desenvolvimento da hotelaria europeia, que influenciou o desenvolvimento dos meios de hospedagem no Brasil. Considera-se também que os mosteiros utilizados pelas ordens para o abrigo de peregrinos e tratamento de doentes seriam os precursores dos meios de hospedagem (CAMPOS, 2005; CASTELLI, 2005; REJOWSKI, 2002).

Para além do destaque às ordens como precursoras das instituições de acolhimento, destaca-se também o papel dos peregrinos. De acordo com Theilmann (1987, citado por Amaro et al., 2018), já na Idade Medieval, os peregrinos regressavam às suas casas com o desejo de compartilhar as suas experiências de viagem e levavam consigo algumas lembranças, como a concha de Santiago de Compostela, por exemplo. Digance (2003), Timothy e Boyd (2006), e Amaro, Antunes e Henriques (2018) afirmam que as peregrinações religiosas são consideradas as raízes do turismo contemporâneo e Mustonen (2006), Rinschede (1992) e Stefko, Királ'ová e Mudrik (2015) afirmam que as peregrinações são uma das formas mais antigas de turismo.

Contemporaneamente, as peregrinações religiosas prosseguem de forma ascendente, porém com formatos e motivações diferentes de antigamente. Os locais de visita recebem tanto fiéis das suas respectivas religiões como os chamados seculares, que são os visitantes sem qualquer relação com a religião. Os destinos comuns são locais sagrados e o turismo religioso e as peregrinações são importantes campos de estudo do turismo e segmentos sensíveis do mercado turístico internacional (AMARO; ANTUNES; HENRIQUES, 2018; NILSSON; TESFAHUNEY, 2016; SCHVARSTZHAUPT; HERÉDIA, 2021).

Apesar de se observar que os estudos atuais sobre as peregrinações e o turismo religioso⁶ privilegiam a conservação *versus* degradação dos locais sagrados, ou questões mercadológicas, como perfil da demanda e desenvolvimento econômico local, por exemplo, é notório o reconhecimento do valor da hospitalidade na origem desses deslocamentos.

3 Procedimentos metodológicos

O artigo resulta das reflexões oriundas de uma atividade sobre Hospitalidade e Religião, aplicada junto a discentes do programa dos cursos de Turismo ou Hotelaria de uma Instituição

⁶ Para mais informações ver International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage. Acessado em 05/12/2017. Disponível em: <https://arrow.dit.ie/ijrtp/announcements.html>

de Ensino Superior Federal, localizada na região Sudeste do Brasil, em 2021. Durante a pandemia da Covid-19 as aulas presenciais foram substituídas pelo formato remoto, o que permitiu a utilização de diversos recursos pedagógicos virtuais. A disciplina de Hospitalidade utilizou a plataforma de ensino remoto chamada *Google Classroom* e outras ferramentas além das oferecidas pela plataforma foram empregadas, como o Padlet⁷.

De natureza qualitativa, o estudo analisou 105 postagens da plataforma online interativa chamada Padlet, oriundas da atividade proposta de que cada discente questionasse um amigo, familiar ou conhecido que praticasse alguma religião, se havia normas, regras ou rituais de hospitalidade na religião indicada. Tomou-se o cuidado de requisitar aos alunos para não exporem os respondentes e foi feita uma postagem como exemplo.

A mesma atividade foi aplicada nas turmas do primeiro semestre dos anos de 2020, 2021 e 2022. O total de alunos inscritos foi de 41, 43 e 45, consecutivamente, somando 129 estudantes. A seguir, a figura 1 ilustra a orientação da atividade realizada no Google Classroom, para a turma de 2021:

⁷ O Padlet é uma ferramenta online que permite o compartilhamento virtual de um mural interativo que serve para o registro e partilha de conteúdos multimídia. Funciona como um cartaz onde são inseridas mídias como imagens, textos, vídeos, links, entre outros atributos vinculados aos sistemas de informação. Uma conta permite ao usuário a criação de diversos murais que podem vir a ser compartilhados com pessoas e grupos diferentes. Disponível em: <https://pt-br.padlet.com/>

Figura 1 - Orientação do exercício na plataforma Padlet

Semana 03 - 29/06 & 01/07 ⋮

• 28 de jun. de 2021 Editado às 28 de jun. de 2021

1 ponto Data de entrega: 1 de jul. de 2021 12:00

HOSPITALIDADE E RELIGIÃO
Assíncrona

Para trabalharmos o tema da semana, proponho a atividade a seguir:
Os alunos deverão perguntar via alguma ferramenta digital (redes sociais, WhatsApp, e-mail, etc...) para alguém conhecido, de preferência que vocês saibam que pratica alguma religião, se na prática religiosa dessa pessoa tem alguma norma, regra ou ritual de hospitalidade. Não é preciso explicar para a pessoa o que é hospitalidade, é o que ela entender que for.
Os alunos devem fazer um print da tela, ou fotografar do computador a resposta (ver exemplo abaixo).
A imagem deve ser postada na página do Padlet abaixo.
Para escrever no Padlet, basta abrir o link abaixo, clicar no símbolo do mais (+) no canto inferior direito da tela. Não é preciso fazer login, mas lembrem-se de assinar na caixa que vocês abrirem. Tomem o cuidado de não cobrir a caixa de diálogo dos colegas. No ícone da imagem, insiram o print ou foto da resposta.
Lembrem-se de marcar a atividade como concluída no prazo.
Boa atividade!



ex_hosp&religião (2).png
Imagem



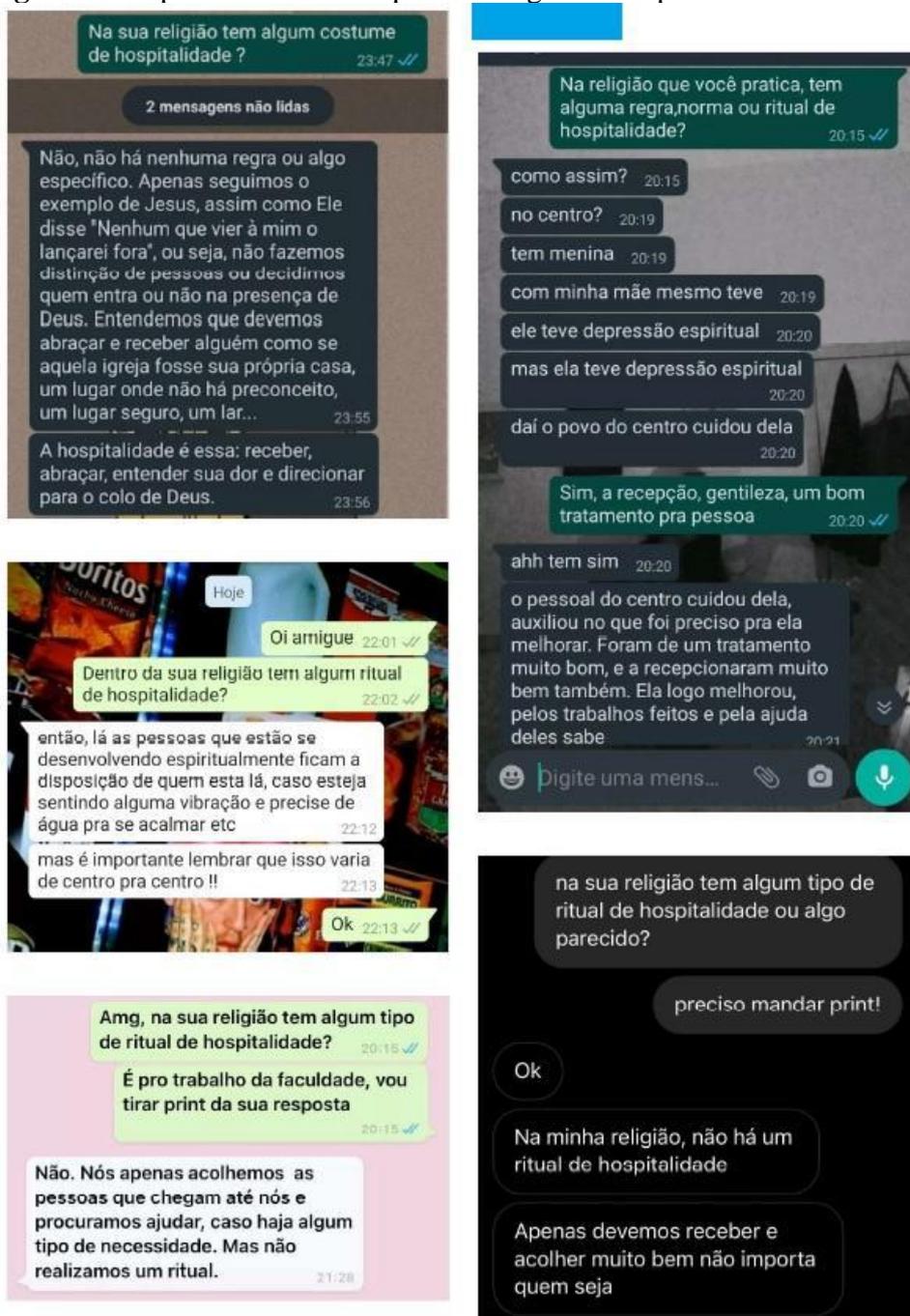
Hospitalidade e Religião
<https://padlet.com/>

Fonte: elaboração própria (2022)

A orientação, similar nos três anos, indicava, além da parte operacional, que os alunos deveriam perguntar por meio de alguma mídia social como e-mail, *WhatsApp*, *Instagram* etc., para alguém conhecido, de preferência que soubessem que praticava alguma religião, se na prática religiosa dessa pessoa teria alguma norma, regra ou ritual de hospitalidade. Fez parte da orientação não explicar aos respondentes o que é hospitalidade, destacando que a resposta deveria ser espontânea, como eles próprios entendessem a hospitalidade.

Após as postagens no Padlet, a plataforma gera, em formato PDF, um arquivo com todos os prints das respostas, conforme ilustrado na figura 2 a seguir:

Figura 2 - Captura de tela do arquivo PDF gerado na plataforma Padlet



Fonte: elaboração própria (2022)

A imagem apresenta quatro postagens de alunos, destacando os cortes realizados nas imagens para se seguir a orientação de não expor o nome dos respondentes.

As postagens foram categorizadas *a posteriori*, primeiro por religião, posteriormente por características indicadas, em formato de imagem, no software para análise de dados qualitativos MAXQDA, desenvolvido para pesquisas acadêmicas, científicas ou comerciais. Para melhor identificação das categorias emergentes, optou-se por transcrever em texto todas as postagens, no próprio software MAXQDA.

Das 105 postagens, extraiu-se 23 expressões, posteriormente agrupadas por similaridade semântica nas seis categorias de análise. A identificação dessas categorias foi realizada exclusivamente a partir das postagens supracitadas, enquanto sua organização e análise foram pautadas no referencial teórico apresentado anteriormente nesta pesquisa.

A análise qualitativa dos dados realizada via software foi a de conteúdo, amplamente empregada em estudos qualitativos no campo do turismo e que tem Bardin (2010) como a principal orientadora do procedimento.

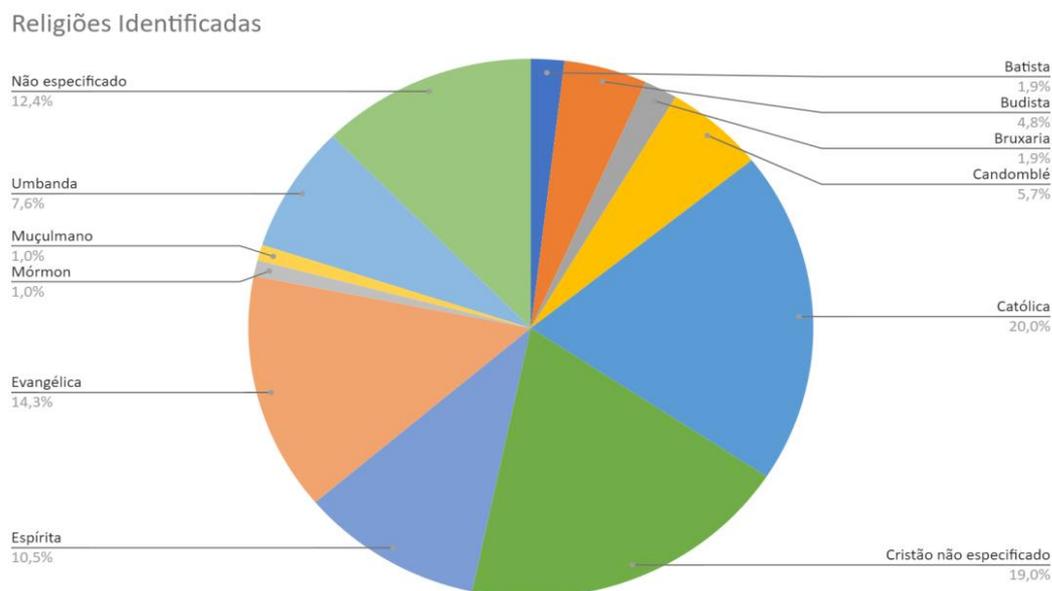
Os trechos foram classificados com as iniciais das religiões identificadas e o número sequencial da ordem das postagens.

A seguir, serão apresentados os resultados da análise que permitiram criar as categorias: Recepção, Acolhimento, Caridade, Rito, Comensalidade e Hospedagem.

4 Análise e discussões

As 105 postagens permitiram identificar onze diferentes religiões, citadas diretamente ou percebidas pelo conteúdo dos relatos, além de treze respostas em que não se percebeu relação com uma religião específica, agrupadas no conjunto 'não especificado' (NE), como mostra a figura 3 a seguir:

Figura 3 - Religiões identificadas



Fonte: Elaboração própria (2022)

Observa-se que a religião com o maior número de indicações foi a católica (Cat) (n=21), seguida de cristão não especificado (CNE) (n=20) e evangélica (Ev) (n=15). A religião espírita (Esp) obteve onze respostas; a umbanda (Umb), oito; o candomblé (Can), seis; o budismo (Bud), cinco; a religião batista (Bat) e a bruxaria (Bru), duas respostas cada; mórmon (Mor) e muçulmano (Muç), uma resposta cada; e em treze respostas não foi possível identificar a religião.

Como exemplo da identificação com a religião católica, pode-se citar a seguinte resposta:

Eu acho que os abrigos mantidos pela igreja são exemplos de hospitalidade oferecida a pop de rua. Não sei de nenhuma regra explícita, acho que a regra é a prática da caridade. Lembrei aqui, também, da jornada da juventude, ocasiões em que os jovens que viajam para o país que está sediando o evento, são abrigados nas residências de fiéis locais. (Post Cat5)

Já o trecho “não tem um ritual propriamente dito, mas quando alguém aceita Jesus como seu senhor e salvador, a igreja comemora pois mais uma vida foi salva e ele é tido como um irmão na fé” (Post CNE3), ilustra uma postagem categorizada como CNE.

Como exemplo da religião evangélica, cita-se a resposta: “Na prática evangélica uma forma de hospitalidade são os convites aos grupos de vida às quartas-feiras, junto a outras

atividades complementares que inserem o novo convertido à igreja. Espero ter ajudado.” (Post Ev13)

A resposta bastante informal reproduzida abaixo é um exemplo da identificação da religião espírita:

Como assim? No centro? Tem menina. Com a minha mãe mesmo teve. Ele teve depressão espiritual. Mas ela teve depressão espiritual, daí o povo do centro cuidou dela. (sim, a recepção, gentileza, um bom tratamento pra pessoa). Ahh sim. O pessoal do centro cuidou dela, auxiliou no que foi preciso pra ela melhorar. Foram de um tratamento muito bom, e a recepcionaram muito bem também. Ela logo melhorou, pelos trabalhos feitos e pela ajuda deles, sabe. (Post Esp4)

Um dos praticantes da umbanda explicitou sua religião na resposta, como ocorreu em várias outras, de todas as religiões:

Como qualquer religião, temos nossas regras. Algumas são bem básicas e outras mais elaboradas quando temos a celebração do culto. Eu pratico uma religião de matriz africana, a Umbanda. Uma das nossas regras básicas, por exemplo, é não usar roupa de cor escura às sextas-feiras. (Post Umb1)

As seis respostas do candomblé e as cinco do budismo foram explicitamente denominadas, assim como as duas das religiões batista e da bruxaria e cada uma das religiões mórmon e muçulmana.

Identificadas as religiões, cada postagem foi analisada, gerando o seguinte resultado:

Quadro 1 - Categorias de análise *a posteriori* e quantitativo total de indicações.

Categoria	Total	Categoria	Total
Recepção	77	Rito	35
Acolhimento	73	Comensalidade	21
Caridade	39	Hospedagem	14

Fonte: elaboração própria (2022)

A categoria emergente com maior número de menções foi a recepção, que abarcou o ato de receber no local da prática religiosa, seja tempo, igreja, terreiro ou mesmo nas casas dos fiéis, as preocupações demonstradas com o incluir e integrar o recém-chegado e as explicações dos cumprimentos em si, totalizando 77 postagens. As religiões católica e cristão não especificado foram as que mais mencionaram o ato de receber, com 17 referências cada, além de cumprimentar

e integrar que, juntamente com incluir, formam as expressões consideradas recepção. A distribuição dos termos da categoria pode ser verificada na tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Quantitativo da categoria Recepção.

	RECEPÇÃO			
	Cumprimento	Incluir	Integrar	Receber
Batista	1	-	-	1
Budista	-	-	1	-
Bruxaria	-	-	-	-
Candomblé	1	1	-	1
Católica	4	-	1	12
CNE	1	3	2	11
Espírita	-	-	2	4
Evangélica	1	-	2	13
Mórmon	-	-	-	-
Muçulmano	1	-	-	1
Umbanda	1	-	1	4
NE	1	1	-	5
Total (n=77)	11	5	9	52

Fonte: Elaboração própria (2022)

Como exemplo de receber, indica-se a passagem postada por um CNE: "No Cristianismo, seja católico ou evangélico, não há nenhum ritual! A Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, sempre a Hospitalidade do Anfitrião foi cultuada como uma receptividade carinhosa". Embora a pessoa tenha dito que não há ritual, indicou o ato de receber carinhosamente como hospitalidade. Do candomblé retira-se o seguinte trecho ilustrativo do cumprimento: "Se alguém de candomblé chega na sua casa ou você chega na casa do outro, se pede a benção. Para todos. E também se responde a bênção dizendo "meu pai/mãe abençoe, benção". Que é tipo que a sua espiritualidade me abençoe e que a minha abençoe a você". Destaca-se que este trecho também foi indicado como benção, pertencente a categoria rito. Já a resposta de um muçulmano asseverou:

Em todo o mundo você vai encontrar muçulmanos fazendo o seu melhor para oferecer hospitalidade ao hóspede em sua casa ou na sua comunidade. Entreter um hóspede é importante, significa o respeito e a preocupação de um hóspede em relação ao seu hóspede e em relação a Deus. (Post Muç1)

O trecho referente à resposta de um muçulmano evoca a obrigação universal de receber e entreter o hóspede em casa ou na comunidade, destacando ainda a sacralidade desse hóspede.

Comumente indicados como sinônimos, os verbos acolher e receber resguardam as suas particularidades. Embora perceba-se que receber faça parte do acolhimento, o ato em si de convidar para entrar, por exemplo, é ritual relevante nos estudos da hospitalidade, como Grottola (1998) elucida à análise da parábola de Gênesis, quando Abraão recebeu três desconhecidos, os convidou para entrar e em seguida acomodou-os.

Num consenso entre quase todas as religiões da pesquisa, salvo a única resposta mórmon, os respondentes consideram como regra de hospitalidade o acolhimento (CAMARGO; BUENO, 2011; DE JESUS, 2019), que foi a segunda categoria com maior número de menções (73), conforme pode ser verificado na tabela 1, com destaque para as religiões cristãs, principalmente a católica, com 17 indicações entre 21 postagens, evangélica, com 14 indicações em 15 postagens, conforme explicitado na tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Quantitativo da categoria Acolhimento.

	ACOLHIMENTO					
	Acolher	Compaixão	Conforto	Conviver	Empatia	Gentileza
Batista	2	-	-	1	-	-
Budista	1	1	-	-	2	-
Bruxaria	1	-	-	-	-	1
Candomblé	-	-	1	3	1	-
Católica	11	1	2	3	-	-
CNE	8	2	-	1	1	2
Espírita	3	-	-	1	-	-
Evangélica	8	-	-	2	2	2
Mórmon	-	-	-	-	-	-
Muçulmano	-	-	-	-	-	-
Umbanda	3	-	-	-	1	-
NE	4	-	-	-	2	-
Total (n=73)	41	4	3	11	9	5

Fonte: Elaboração própria (2022)

A categoria acolhimento foi composta por postagens que indicassem explicitamente as palavras acolher, compaixão, conforto, convivência, empatia e gentileza para com o outro, sempre no sentido de preocupação com o bem-estar do próximo. Como exemplo, pode-se citar a postagem, feita por um católico: “A essência da hospitalidade é acolher. Dentro da igreja católica existem algumas pastorais. Dentre eles a pastoral da Acolhida que consiste em receber as pessoas na porta da igreja nas missas”. Outra menção, de um CNE, foi: “Acho que nada específico, mas a gente sempre tenta ser gentil”. No primeiro exemplo, a expressão empregada foi acolher, enquanto no segundo foi gentileza. Na bruxaria encontra-se a seguinte indicação:

Eu não sei dizer algo específico, mas as pessoas da bruxaria são muito pacientes e são ótimas em receber outras na bruxaria, mesmo porque na nossa religião são muitas coisas que aprendemos e quando entramos nela, ficamos muito perdidos, então nesse sentido, nós somos muito acolhedores (Post Bru2).

O ato de acolher é amplamente difundido na abordagem religiosa da hospitalidade (TOMILLO NOGUERO, 2013; DE JESUS, 2019; FRUGOLI; REJOWSKI, 2019), desde as narrativas presentes nas obras *Ilíada* e *Odisséia*, passando pelos relatos da obrigação da acolhida praticada pelas Ordens Religiosas, tanto pelo motivo de assumir que Deus está presente em cada um, portanto todos devem ser acolhidos, quanto pelo dever da caridade - e a consequente absolvição dos pecados (SPORZYŃSKI, 2005; ROUSSEL, 2011).

A terceira categoria com maior relevância foi caridade, com 39 postagens. A religião católica foi a que mais mencionou a prática da caridade em si como um ato de hospitalidade, com 13 indicações em 21 postagens. A tabela 3 ilustra as expressões que compõem a categoria.

Tabela 3 - Quantitativo da categoria Caridade.

	CARIDADE					
	Ajudar	Auxílio Psicológico	Assistência Social	Compartilhar	Cuidar	Praticar Caridade
Batista	-	-	-	-	-	-
Budista	-	-	-	-	-	1
Bruxaria	-	-	-	-	-	-
Candomblé	-	-	-	-	-	-
Católica	2	-	4	-	-	7
CNE	4	-	-	1	1	4
Espírita	-	-	-	-	-	3
Evangélica	1	2	1	-	1	1
Mórmon	-	-	-	-	-	-
Muçulmano	-	-	-	-	-	-
Umbanda	1	-	-	-	-	2
NE	-	1	1	-	-	2
Total (n=39)	8	3	6	1	2	19

Fonte: Elaboração própria (2022)

Observa-se, na tabela 4, ajudar e assistência social com certo destaque, entretanto, a principal expressão indicada foi a própria prática da caridade, como pode ser observado na postagem feita por praticante da umbanda: “A umbanda sendo uma religião que tem como único foco a prática de caridade [...]. A postagem de uma evangélica apontou várias ações pertinentes a categoria caridade, conforme reproduzido abaixo:

[...] na igreja fora dos muros: encontramos as obras de assistência social: as missões e as ONGs cujas atividades irão atender a segmentos específicos, tipo moradores em

situação de rua, vítimas de violência doméstica, oferecimento de reforço escolar, cursos profissionalizantes, fornecimento de cestas básicas, etc. Ainda posso citar as ajudas humanitárias em áreas flageladas pela fome e doenças em regiões de grande pobreza (Post Ev8).

A importância da caridade na hospitalidade, assim como do acolhimento, foi amplamente ilustrada no referencial teórico, tanto na parte sobre as ordens religiosas, na narrativa do mito da hospitalidade, nas passagens bíblicas (CAMARGO; BUENO, 2011; TOMILLO NOGUERO, 2013) e também nos preceitos do judaísmo (SCHNEIDER; SANTOS, 2013).

A categoria rito buscou reunir referências a ações específicas das diferentes práticas religiosas relatadas como ato de hospitalidade. A tabela 4 demonstra a distribuição das expressões ajuda espiritual, bênção, iniciação- que obteve a maior citação-, e orar nas diferentes religiões:

Tabela 4 - Quantitativo da categoria Rito.

	RITO			
	Ajuda Espiritual	Bênção	Iniciação	Orar
Batista	-	-	2	-
Budista	-	-	1	1
Bruxaria	-	-	1	1
Candomblé	1	3	-	-
Católica	-	-	4	3
CNE	-	-	1	1
Espírita	4	-	1	-
Evangélica	-	-	2	-
Mórmon	-	-	1	-
Muçulmano	-	1	-	1
Umbanda	2	-	2	-
NE	1	1	-	-
Total (n=35)	8	5	15	7

Fonte: Elaboração própria (2022)

A única postagem feita por um mórmon indicou o batismo, como iniciação, como ato de hospitalidade, também citado por outras religiões, como o exemplo a seguir, do budismo: “O que eu entendo como prática de hospitalidade seria trazer uma certa sensação de comunidade, e a comunidade budista é bem forte nessa área, quando somos iniciados tem toda uma cerimônia de entrega do Gohonzon – que é o pergaminho de prática [...]”. Um CNE expõe a oferta da oração como ato de hospitalidade: “[...] existe um ministério chamado “integração” que fica responsável pelo contato direto com as pessoas, para oferecer um acompanhamento caso a pessoa tenha interesse de frequentar a igreja ou se estiver precisando de ajuda, oferecendo uma oração e etc”. Já a ajuda espiritual foi narrada por uma espírita que afirmou testemunhar a cura da mãe após a

intervenção do Centro Espírita, em postagem citada anteriormente como exemplo da religião espírita. Já o exemplo a seguir demonstra a oração percebida como um gesto de hospitalidade: “Existe o movimento de ir até a casa de fiéis rezar o terço, ou fazer um cenáculo de oração”.

Identificar a hospitalidade nos próprios rituais está presente na literatura. A análise do ritual de receber um sacramento foi feita por Mazur (2010) nas obras *Íliada* e *Odisséia*, bem como é representada pelo Mito da Hospitalidade, reproduzido por Boff (2005, p. 94), que destaca: “Ninguém resiste ao olhar suplicante da humanidade. Negar-se a olhar é pretender tornar não existente o que existe e grita. Significa deixar que o outro sucumba à sua necessidade”.

A comensalidade aplica-se ao ato de alimentar, citado por todos os seis relatos do candomblé e com destaque para as religiões cristãs, conforme pode ser observado na tabela 5 a seguir.

Tabela 5 - Quantitativo da categoria Comensalidade.

COMENSALIDADE	
Alimentar	
Batista	-
Budista	1
Bruxaria	-
Candomblé	6
Católica	5
CNE	2
Espírita	-
Evangélica	3
Mórmon	-
Muçulmano	1
Umbanda	-
NE	3
Total (n=21)	21

Fonte: Elaboração própria (2022)

O trecho a seguir ilustra a relevância da oferta de alimento no candomblé:

No Candomblé quando há festa, sempre servimos a comida. Ou seja, em dia de festa não há cantina, a casa é quem dispõe. Há irmãos que ficam responsáveis por servir a comida, outros pela bebida. O pai de santo, junto aos ogãs, ekedys e os filhos da casa que tem cargo são os primeiros da casa a servirem-se e comer. Nessa ordem mesmo. Depois os outros filhos de santo vêm. Os Yawos e abians. (no caso, os que não tem cargo né). Sim, exatamente. (tem mais alguma coisa?) Tem o pessoal da assistência, que não são filhos da casa, que vem como visitantes, se consultar com a entidade. A gente também os serve primeiro, antes dos yawos e abians. A gente serve os de fora pra servir para os de dentro (Post Can3).

Ademais, em outras respostas que trataram a hospitalidade como comensalidade, observou-se a preocupação em ofertar alimento para alguém que chegue com fome no local da prática religiosa, distribuí-los em práticas de caridade e também partilhá-los entre os membros da mesma religião, como o preparo do café dominical para os paroquianos, em um relato católico. Embora não tenha recebido tantas menções, Roussel (2011) indica que oferecer alimento é o segundo ato da hospitalidade, atrás somente do acolhimento.

Conforme descrito no referencial teórico, a Bíblia faz menção sobre a importância da oferta de alimento, bebida e acolhimento ao estranho em conhecido trecho de Mateus: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber.” (Mt, 25:35, A Bíblia de Jerusalém). No mito de Báucis e Filêmon é dado destaque a oferecer tudo o que havia de alimentos na casa (BOFF, 2005; GRIFFITHS, 2011). Embora não tenha nenhuma postagem representando o judaísmo Bornet (2011) indica a oferta de alimentos àqueles que têm fome e reproduz a tradição de manter um prato extra à mesa no caso da chegada de uma visita inesperada.

A hospedagem, elemento constante nas definições do termo, foi a categoria com menos citações nas postagens, seja referindo-se a acomodar os convidados ou ao ato de hospedar em si. A tabela 6 a seguir demonstra a incidência da categoria nas diferentes religiões.

Tabela 6 - Quantitativo da categoria Hospedagem.

	HOSPEDAGEM	
	Acomodar	Hospedar
Batista	-	-
Budista	-	-
Bruxaria	-	-
Candomblé	-	-
Católica	-	3
CNE	1	2
Espírita	-	1
Evangélica	1	3
Mórmon	-	-
Muçulmano	1	1
Umbanda	-	-
NE	-	1
Total (n=14)	3	11

Fonte: Elaboração própria (2022)

A postagem a seguir, feita por uma espírita, demonstra o foco em hospedar como entendimento da hospitalidade: “No Lar Espírita de Frei Luiz temos dormitórios para acolher pessoas que estão passando por necessidades ou que não têm onde morar, como crianças,

grávidas e idosos”. Uma católica destacou o exemplo da Jornada Mundial da Juventude, quando os jovens se hospedam nas casas de fiéis locais do país-sede do evento. Na sequência, uma evangélica ilustra a preocupação de acomodar os participantes do culto:

Ao entrar, você tem o hall onde você consegue servir um café e até biscoito como aperitivo. Estando cheio o salão principal, você pode procurar qualquer voluntário para te ajudar a achar uma acomodação e poder assistir o culto de forma confortável... Nos banheiros, você encontra: desodorantes, fio dental, enxaguante bucal, TD isso para uso dos membros da igreja... (Post Ev14)

Apesar de a hospedagem ocupar papel central nas definições do termo, bem como nas narrativas dos alojamentos dos pobres e doentes, feita nos mosteiros, da acomodação aos cavaleiros, que ocorria nos palácios dos nobres e do alojamento burguês nas hospedarias (ROUSSEL, 2011), nas postagens analisadas não houve o mesmo destaque.

Ao longo da narrativa das postagens das diversas religiões apresentadas, observa-se de forma bastante presente e comum o entendimento da hospitalidade como receber ou recepcionar acolhimento, a prática da caridade, os ritos presentes nas variadas crenças, a oferta de alimento e a hospedagem. Pode-se afirmar que tais categorias emergentes encontram-se presente, com maior ou menor destaque, na literatura sobre religião e hospitalidade, apresentada no tópico teórico do presente artigo.

5 Conclusões

O presente artigo demonstra, com base nas obras *Ilíada* e *Odisséia* e de relatos históricos relacionados às Ordens Religiosas, as raízes da sacralidade da hospitalidade, que são a origem de algumas práticas ainda seguidas no Século XXI, mas que muitas vezes não se sabe por que o são.

Ditos populares indicam que ‘um copo de água não deve ser negado a ninguém’, ou ainda ‘minha casa é sua casa’, provavelmente sem o devido reconhecimento da sacralidade do hóspede que deve ser acolhido, abrigado e alimentado, de acordo com diversas religiões e ilustrado na mitologia.

Refletir sobre tais origens e valores da hospitalidade pode ser enfadonho para as novas gerações, acostumadas com a rapidez e a fluidez das relações sociais, cada vez mais virtuais. O presente trabalho resulta de uma atividade proposta a jovens universitários de questionar amigos

e familiares sobre os rituais de hospitalidade em suas respectivas religiões e refletir conjuntamente sobre os resultados. É possível perceber que as respostas, mesmo quando dizem que não há um ritual específico em sua religião, indicam ações, práticas, costumes ou recomendações que levaram a seis categorias emergentes, todas presentes na literatura: acolhimento, recepção, caridade, rito, comensalidade e hospedagem.

A principal contribuição do estudo, além de discutir o tema da hospitalidade na religião junto a jovens na contemporaneidade, é a confirmação empírica das seis categorias de análise presente na literatura sobre o tema. Embora em diversos momentos da análise dos dados os pesquisadores tenham se deparado com elementos que poderiam render outras análises pertinentes ao estudo da hospitalidade relacionada à alteridade, ou ainda, de acordo com as abordagens que perseveram a máxima da tríade dar-receber-retribuir advinda de Marcel Mauss, optou-se por centrar-se no referencial teórico programado previamente da hospitalidade nas religiões.

A quantidade de postagens e o número finito de contatos da turma que serviu como amostra da presente pesquisa podem ser considerados limitadores da mesma. Como sugestões de pesquisa, futuros estudos podem ampliar o referencial teórico, pois sempre há um recorte de acordo com o olhar dos pesquisadores. Além disso, pode-se replicar a atividade e ter mais postagens para serem analisadas, abarcando amostras externas ao ambiente acadêmico e incluindo outras religiões não contempladas na pesquisa.

Referências

AMARO, S.; ANTUNES, A.; HENRIQUES, C. A closer look at Santiago de Compostela's pilgrims through the lens of motivations. **Tourism Management**, v.64, p. 271–280, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.09.007>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade – direito e dever de todos**(Vol. I). Petrópolis: Vozes, 2005.

BORNET, P. Entre normas religiosas e imperativos éticos. In: MONTADON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 131–144.

BRUSADIN, L. B. Apresentação: A pluralidade da pesquisa em hospitalidade: A Escola Brasileira. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 14, n. 2, p. 286-289, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p289>

BUTTIGIEG, E. Knights, jesuits, carnival, and the inquisition in seventeenth century malta. **The Historical Journal**, v. 55, n. 3, p. 571–596, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0018246X12000180>

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, R. S. S.; BUENO, M. S. Dádiva e hospitalidade na Bíblia. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VIII, n. 2, p. 52-70, 2011. Disponível em: <https://revhosp.org/hospitalidade/article/viewFile/393/477> <https://revhosp.org/hospitalidade/article/viewFile/393/477> Acesso em: 17 jun. 2022.

CAMPOS, J. R. V. **Introdução ao universo da hospitalidade**. Campinas: Papirus, 2005.

CASTELLI, G. **Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria**. São Paulo: Saraiva, 2005.

CATHARINA, L. D. S. **Memórias da ordem militar de S. João de Malta**. Madrid: Universidad Complutense Madrid, 1734.

CINOTTI, Y. **Hospitalité touristique: conceptualisation et études de l'hospitalité des destinations et des maisons d'hôtes**. Tese de doutoramento, Université de Perpignan, 2011.

DAULNY, N. M: Uma anfitriã à margem. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 761–766.

DE JESUS, E. T. **Turismo e a busca de sentido: a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas**, 2019. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade). Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/4870> Acesso em: 17 jun. 2022.

DIGANCE, J. Pilgrimage at contested sites. **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 1, p. 143–159, 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(02\)00028-2](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(02)00028-2)

FRUGOLI, R.; REJOWSKI, M.A romaria de Nossa Senhora de Nazaré e o turismo de fé religiosa: um estudo etnográfico. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, volume 16, n. 3, p. 175-197, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2019.v16n3.010> <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2019.v16n3.010>

GRIFFITHS, S. M. Choupana: rusticidade e felicidade. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 453–470.

GROTTOLA, M. The spiritual essence of hospitality practice. **Marriage & Family Review**, v. 28, n. 1-2, p. 1–22, 1998. DOI: https://doi.org/10.1300/J002v28n01_01

HOSPITALIDADE. **Crônica trimestral dos Irmãos de S. João de Deus em Portugal** (2ª ed.). Suplemento do nº 291 da Hospitalidade, evocativo aos 75 anos da Revista. Lisboa: Instituto S. João de Deus, 2011.

LASHLEY, C. Religious perspectives on hospitality. In: LASHLEY, C. (Org.). **The Routledge Handbook of Hospitality studies**. London, UK: Routledge, 2017, p. 111–120.

LAZARD, S. Ordem do Espírito Santo: a vocação das ordens hospitalárias. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 619–625.

LEDOUX, S. Anfitrião: um hospedeiro que se ignora. In MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 731–748.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MAZUR, P. S. Formulaic and thematic allusions in "Iliad" 9 and "Odyssey" 14. **Classical World**, v. 104, n. 1, p. 3–15, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25799968> Acesso em: 14 jun. 2022.

MESSADIÉ, G. **História geral do antissemitismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUSTONEN, P. Volunteer tourism: Postmodern pilgrimage? **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 3, n. 3, p. 160–177, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/14766820608668493>

NILSSON, M.; TESFAHUNEY, M. Performing the “post-secular” in Santiago de Compostela. **Annals of Tourism Research**, v. 57, p. 18–30, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.11.001>

O'MALLEY, G. **The knights hospitaller of the english langue 1460-1565**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2010. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780199253791.001.0001

PÉROL, C. Santos. Viajantes e barqueiros de Deus. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p.749–760.

REJOWSKI, M. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RINSCHÉDE, G. Forms of religious tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 19, n. 1, p. 51–67, 1992. DOI: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(92\)90106-Y](https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90106-Y)

ROQUES, V. L. Mitos: Relatos fundadores e olhares dos deuses. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 719–729.

ROUSSEL, C. Idade Média: O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 379–416.

SCHNEIDER, M.; SANTOS, M. M. C. Buscando construir um quadro teórico de referência para análise da hospitalidade em Romarias. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 5, n. 4, p. 577-591, 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18342/buscando-construir-um-quadro-teorico-de-referencia-para-analise-da-hospitalidade-em-romarias/i/pt-br><http://www.spell.org.br/documentos/ver/18342/buscando-construir-um-quadro-teorico-de-referencia-para-analise-da-hospitalidade-em-romarias/i/pt-br>Acesso em: 17 jun. 2022.

SCHVARSTZHAUPT, R. C.; HERÉDIA, V. M. Santuário Nossa Senhora de Caravaggio [Brasil]: história e devoção. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 13, n. 2, p. 325-347, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i2p325><http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i2p325>

SPORZYŃSKI, D. V. G. Relic or relevant? The Knights of Saint John. Paper presented at the Proceedings, **XVth Biennial Conference of the Australasian Association for European History**, Melbourne, Australia, 2005.

ŠTEFKO, R.; KIRÁĽOVÁ, A.; MUDRIK, M. Strategic marketing communication in pilgrimage tourism. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v.175, p. 423–430, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.1219>

TIMOTHY, D. J.; BOYD, S. W. Heritage tourism in the 21st Century: Valued traditions and new perspectives. **Journal of Heritage Tourism**, v. 1, n. 1, p. 1–16, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/17438730608668462>

THOBY, A. C. P. Bíblia: da traição à redenção. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p. 113–130.

TURNER, B. S. Hospital. **Theory, culture & society**, v. 23, n. 2-3, p. 573–579, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263276406023002136>

TOMILLO NOGUERO, Félix. **A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

TOMILLO NOGUERO, F. T. La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. X, n. 2, p. 161-212, 2013. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/530/541> Acesso em: 04 ago. 2022.

VALDUGA, M. C.; COSTA, C. M.; BRENDA, Z. Hospitalidade turística. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 14, n. 2, p. 470-491, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p491>

WADA, E. K.; CAVENAGHI, A. J.; SALLES, M. R. R. O marco comparativo e teórico dos estudos de hospitalidade no Brasil. **Revista Hospitalidade**, v. XII, n. especial, p. 93–111, 2015. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/573> Acesso em: 14 jun. 2022.

Artigo recebido em: 26/06/2022.

Avaliado em: 06/08/2022.

Aprovado em: 11/08/2022.